

Apropriação da cultura judaico-cristã no discurso político brasileiro: uma ameaça à laicidade do Estado e um desrespeito à diversidade cultural.

Michelli de Souza Possmozer.

Cita:

Michelli de Souza Possmozer (2019). *Apropriação da cultura judaico-cristã no discurso político brasileiro: uma ameaça à laicidade do Estado e um desrespeito à diversidade cultural*. XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Lima.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-030/1365>



Apropriação da cultura judaico-cristã no discurso político brasileiro: uma ameaça à laicidade do Estado e um desrespeito à diversidade cultural

Michelli de Souza Possmozer

Resumo

Este artigo pretende analisar o enunciado de resgate da “tradição judaico-cristã” no Brasil, que é reiterado pela Bancada Evangélica no apoio à aproximação do Governo com Israel, reivindicando a mudança da embaixada brasileira de Tel Aviv para Jerusalém. Para tanto, são utilizados como base os discursos do presidente Jair Messias Bolsonaro feitos no dia da posse e recebimento da faixa presidencial e nos eventos da viagem para Israel e do Encontro do Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil (CIMEB). Foi realizada, ainda, uma vasta pesquisa bibliográfica em sites de pesquisa, a qual resultou em um grande acervo de notícias que mostram a aproximação do governo brasileiro com o de Israel e os reflexos dessa aliança na comunidade evangélica. Na visão de autores como Arthur Cohen, Yaakov Ariel e Slavov Zizek, entre outros, o termo “cultura judaico-cristã” é um mito, pois foi criado no contexto político ocidental, não considerando as contradições históricas entre as religiões judaica e cristã. Esse enunciado religioso que aparece na fala do presidente da República vai ao encontro da mensagem de defesa de Jerusalém como a terra prometida por Deus ao povo judeu, discurso que ecoa no debate público, sobretudo mediante o pastor Silas Malafaia. As considerações finais apontam que esse estreitamento de alianças com Israel extrapola para questões ideológicas e religiosas e que esse enunciado religioso na política ameaça a laicidade do Estado, garantida pela Constituição de 1988, e constitui um desrespeito à diversidade de religiões que formam a sociedade brasileira.

Palavras-chave

Religião, política, Bolsonaro, cultura judaico-cristã.

Introdução

No dia primeiro de janeiro de 2019, quando Jair Messias Bolsonaro tomou posse como presidente da república brasileira, seu discurso foi marcado por um enunciado que produz um deslizamento do elemento religioso na cena política, retórica que vem sendo reiterada de forma recorrente, inclusive, por representantes de seu governo, como veremos no decorrer deste trabalho. Trata-se de uma investigação a respeito das



intencionalidades que podem emergir da frase “respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã”, conforme foi dito nas próprias palavras do presidente (Palácio do Planalto, 2019).

O que significa esse destaque para a tradição judaico-cristã em detrimento das demais religiões? E por que a referência ao “nossa”, como se esta cultura fosse a expressão de toda a sociedade brasileira? Junto ao uso costumeiro dessa expressão nos discursos governamentais, tem-se o estreitamento das relações com o governo de Israel e a promessa de transferência da embaixada brasileira de Tel-Aviv para Jerusalém, o que implicaria no reconhecimento dessa cidade como capital e território de Israel. Tal decisão foi tomada pela primeira vez em maio de 2018 pelo presidente dos Estados Unidos Donald Trump, atitude seguida na mesma época pelo governo da Guatemala, representando, portanto, uma infração ao consenso internacional (Schreiber, 2019).

Segundo pesquisadores, a decisão do presidente norte-americano possui razões religiosas, as quais não serão abordadas aqui em profundidade, tendo em vista as limitações deste artigo. No Brasil, o reconhecimento de Jerusalém como capital de Israel e território do povo judeu vem sendo reivindicado por parlamentares da Frente Parlamentar Evangélica (FPE) e por lideranças religiosas – reivindicação que ecoa publicamente no discurso do pastor Silas Malafaia –, que acreditam que é preciso lutar pelo povo judeu, em função de uma promessa bíblica (Carneiro, 2019).

Nesse contexto, a hipótese central que surge a partir deste estudo gira em torno de tal questão-problema: Que elementos estariam no cerne do discurso de afirmação da cultura judaico cristã por parte do presidente? Como essa narrativa se articula ou não com as políticas públicas implementadas pelos governos petistas no que tange à expansão da diversidade cultural e religiosa? Vejamos a seguir algumas pontuações acerca da construção da terminologia judaico-cristã no decurso histórico da política ocidental contemporânea.

De acordo com alguns autores, o termo “judaico-cristão” consiste em um mito por ter sido construído a partir de uma visão ocidentalizada que ignora as contradições entre o judaísmo e o cristianismo. Por outro lado, há intelectuais que ressaltam o aspecto positivo de sua concepção e explicitam suas possíveis origens. Contudo, apesar da existência de defensores e críticos de tal construção terminológica, Nathan e Topolski (2016) salientam que há um consenso: o quão complexo e diverso é o termo judaico-cristão, sendo necessário, portanto, demarcar o seu contexto histórico, filosófico, religioso ou político ao lançar mão de tal terminologia.



Observamos que esse termo vem sendo largamente utilizado por representantes do atual governo brasileiro e é reproduzido, inclusive, em trabalhos acadêmicos, sem maiores problematizações às suas múltiplas interpretações, bem como às contradições imbuídas nele.

É importante salientar, ainda, que símbolos judaicos, como a estrela de Davi, vêm sendo incorporados ao cristianismo, especialmente por igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais. Contudo, Topel (2011) ressalta sobre a insuficiência de pesquisas que se debrucem sobre esse fenômeno. Essa prática por parte de igrejas evangélicas já foi vista com ressalvas por judeus ortodoxos (Shalom, 2014), que enxergam essa apropriação como uma espécie de teatro e não um sincretismo que seja fiel aos significados trazidos pela simbologia e rituais judaicos. E, recentemente, representantes da comunidade de judeus no Brasil criticaram a incorporação de símbolos do judaísmo pelo presidente Jair Bolsonaro, que em vários eventos já apareceu segurando a bandeira de Israel, como ocorreu em sua participação da Marcha para Jesus, em junho de 2019 (Venceslau & Galhardo, 2019).¹

Para compreender os enunciados que deslizam do resgate de uma tradição judaico-cristã são utilizados como base os discursos do presidente Jair Messias Bolsonaro feitos no dia da posse e recebimento da faixa presidencial e nos eventos da viagem para Israel e do Encontro do Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil (CIMEB), todos ocorridos no primeiro semestre de 2019.

Também foram utilizados como fonte de pesquisa notícias jornalísticas divulgadas online sobre a aproximação entre Brasil e Israel e suas repercussões no discurso midiático. A fim de demarcar historicamente a expressão “tradição judaico-cristã”, buscamos auxílio em autores que estudam as relações entre judaísmo e cristianismo, e os atravessamentos entre as culturas oriental e ocidental, como Arthur Cohen, Yaakov Ariel e Slavov Zizek, além de pesquisadores reunidos no livro *Is there a Judeo-Christian tradition? (Existe uma tradição judaico-cristã?)*, publicado em 2016.

Por fim, realizamos um esforço de análise das possíveis intenções do atual governo brasileiro na recorrência e ênfase dada a uma cultura judaico-cristã, inferindo sobre de que maneira isso pode repercutir no imaginário social. Ademais, as recentes atitudes e decisões de governo², em prol da preservação dessa cultura judaico-cristã ofendem a diversidade cultural e religiosa? Como a atual postura do presidente Bolsonaro e seus ministros repercutem diante da diversidade de culturas e religiões presentes no Brasil? É que veremos no decorrer deste artigo.



Tradição judaico-cristã: origens e significados

Em seu mais recente livro - *An Unusual Relationship: Evangelical Christians and Jews* (Uma relação incomum: cristãos evangélicos e judeus) – Yaakov Ariel (2013) escreve um vasto estudo a respeito da aproximação de cristãos evangélicos norte-americanos dos judeus, relação que se intensificou a partir da década de 1970. O autor descreve que as raízes dos laços entre o povo evangélico e judeu data do século XVI, época da Reforma Protestante, quando cristãos protestantes adotam a bíblia romana e passam a fazer suas próprias interpretações dos textos sagrados, afastando-se, portanto, do cânone católico, bem como deixando de seguir algumas liturgias do catolicismo, como a adoração aos santos.

Foi nesse período, de acordo com o autor, que surgiram alguns pensadores evangélicos favoráveis a uma visão mais amigável com relação aos judeus, entretanto, ainda havia uma ala tradicional no cristianismo que estava presa a uma ideia negativa dos seguidores do judaísmo, tratando-os como traidores e não merecedores da graça de Deus por terem negado reconhecer Jesus como o messias. Ariel (2013) afirma que o teólogo alemão Martinho Lutero foi um dos que, inicialmente, colocou-se como simpatizante aos judeus na tentativa de convertê-los ao cristianismo. Contudo, ao perceber que a comunidade judaica não viu razões para adotar o protestantismo – embora fossem amigáveis aos evangélicos e tivessem passado a considerar o cristianismo uma religião próxima do judaísmo – Lutero passou a ser hostil com os judeus.

Ainda segundo Ariel (2013), os escritos de Lutero, amaldiçoando o povo judeu e reforçando os estereótipos que já vinham sendo mantido há séculos, foram seguidos por outros pensadores cristãos que disseminaram ideias antissemitas, recorrentes até os dias de hoje. Entretanto, também surgiu uma corrente minoritária de evangélicos que seguiu defendendo a ideia de que o pacto bíblico entre Deus e Israel não foi quebrado e que é preciso orar e lutar para que os judeus retornem à terra prometida, onde é o território de Jerusalém. Em função das limitações deste artigo, não caberia abordar as várias facetas dessa história em profundidade, como é devidamente esclarecido por Ariel (2013).

O aspecto relevante para este trabalho diz respeito à análise das possíveis motivações históricas recentes que, a despeito das contradições entre judaísmo e cristianismo, favoreceram o estreitamento entre as duas culturas e possibilitou a construção de uma tradição judaico-cristã. Os diversos artigos feitos por pesquisadores variados, reunidos



na coletânea mencionada (Nathan e Topolski, 2016) trazem importantes contribuições para a compreensão acerca das origens da noção de uma “cultura judaico-cristã”, assim como os diversos significados que podem decorrer dessa terminologia.

Primeiramente, é importante salientar a afirmação trazida por Kalmar (2016) de que cristãos, judeus e muçulmanos estão relacionados tanto por questões teológicas em comum quanto por aproximações geográficas. O autor destaca que no decorrer do curso histórico, judeus viveram em impérios que ora foram controlados por cristãos, ora por muçulmanos. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que há um intercâmbio cultural entre judeus e cristãos assim como entre judeus e muçulmanos.

Contudo, Kalmar (2016) defende que a criação de uma cooperação entre judeus e cristãos protestantes surge apenas no pós-guerra como uma oportunidade vista pelos cristãos de apagar as relações da igreja com o fascismo. Além disso, o autor aponta para o nascimento de uma tradição judaico-cristã no contexto da Guerra Fria, em que os Estados Unidos combatiam o comunismo soviético, num contexto em que o ódio a diferentes religiões foi colocado como uma das razões para a origem do ateísmo, do anarquismo e do comunismo. Ademais, o autor complementa que a cooperação entre judeus e cristãos também serviu de atribuição moral à política econômica neoliberal que, naquela época, era ameaçada pelo socialismo.

Moyaert (2016) relata que o catolicismo, após dois mil anos de uma postura que prezava pelo anti-judaísmo, mudou suas relações com os judeus depois do período do holocausto judeu (Shoah). O marco dessa mudança está nos pós Vaticano II e na divulgação do *Nostra Aetate*, um documento que constitui uma declaração da igreja católica sobre seus laços com religiões não cristãs. Desse modo, a teologia passou a compreender que o cristianismo não poderia existir sem o judaísmo, além do fato de que o anti-judaísmo era um dos pilares que sustentava o nazismo.

Entretanto, a autora também ressalta o paradoxo que surge do reconhecimento de uma tradição judaico-cristã: o mesmo Deus que não revogou sua aliança com o povo de Israel é o mesmo que mandou seu filho Jesus como cumprimento às profecias hebraicas? Mas se o judaísmo nega que Jesus seja o Messias, como pode o catolicismo, que tem Jesus como figura central, ser fruto de uma integração com a tradição judaica?

Ademais, Moyaert (2016) critica a apropriação de rituais judaicos pela igreja católica após o reconhecimento da existência de uma cultura judaico-cristã. Para a autora, essa relação é complexa tendo em vista que durante mais de dois mil anos os católicos



deixaram o judaísmo à margem, como uma religião de um povo que negou o Messias e, portanto, deveria ser amaldiçoado. Assim, a construção de uma relação harmônica entre judeus e cristãos a partir da adoção de uma “tradição judaico-cristã” não é tão simples. Diante disso, tal incorporação seria, na visão da autora, até mesmo uma atitude de desrespeito e não poderia significar um simples intercâmbio cultural, visto que o catolicismo, como religião oficial por séculos, sempre esteve em posição privilegiada de poder. Desse modo, “... Generally speaking, Jewish tradition was incorporated into a Christian hegemonic framework” [... de certo modo, a tradição judaica foi incorporada a uma hegemonia cristã] (Moyaert, 2016, p.156). É importante salientar que aqui tratamos com ressalvas a opinião da teóloga, pois não pretendemos emitir juízos de valor acerca da incorporação dos símbolos judaicos pelas religiões cristãs, mas sim analisar como vem sendo realizado tal sincretismo e as possíveis implicações desse fenômeno no contexto brasileiro.

No entanto, concordamos com o ponto de vista de Moyaert (2016) de que, ao mesmo tempo em que o Vaticano II e o documento *Nostra Aetate* foram relevantes para o reconhecimento de que o cristianismo tem raízes judaicas, celebrando, portanto, a continuidade entre as duas culturas – e não sua ruptura como foi mantido por mais de dois mil anos – a noção de uma tradição judaico-cristã não pode ser feita de modo indiscriminado e ilimitado. Nesse sentido, o problema central levantado por Moyaert (2016) seria se a ideia se essa cultura judaico-cristã se traduziria em uma maneira de cristianizar o judaísmo, mantendo-o, portanto, marginalizado mediante a perspectiva ocidental.

Kluveld (2016) diferencia a utilização da terminologia tradição judaico-cristã no cenário europeu e norte-americano, pois enquanto no primeiro seu uso está relacionado a uma discussão sobre identidade como um enfrentamento às influências do islamismo, no segundo a religião civil do país é considerada judaico-cristã. Uma das críticas da autora refere-se ao fato de que a utilização do termo judaico-cristão para se referir a uma cultura europeia não possui justificativas religiosas nem teológicas, de modo que seu uso por parte dos governantes ignora os símbolos e valores compartilhados por essa tradição.

Harvey (2016) afirma que a expressão cultura judaico-cristã tem sido utilizada em cinco contextos diferentes³ desde que foi popularizada nos Estados Unidos, em meados do século XIX. Em contraposição ao exclusivismo de uma tradição cristã – que disseminava no imaginário social uma cultura antissemita – a terminologia passou a ser utilizada para



expressar que os valores norte-americanos estavam fundamentados em uma tradição judaico-cristã, colocando judeus, cristãos e católicos em uma relação de igualdade na sociedade estadunidense. O autor problematiza, portanto, a partir da visão de teólogos e historiadores, que embora o termo tenha sido bem demarcado culturalmente, isso não apaga as divergências nos ritos e crenças religiosos entre judaísmo e cristianismo.

Ressalte-se que, para alguns autores, a existência de uma tradição judaico-cristã representa um mito. É o que defende Cohen (1969), para o qual tal terminologia não passa de uma construção artificial, tendo em vista que noção de uma cultura judaico-cristã omite a doutrina crucial que separa cristãos e judeus: para os primeiros o Messias já veio, já para os últimos, o “salvador” ainda está por vir. Embora o autor reconheça que há raízes comuns a ambas religiões, ele salienta que o reconhecimento de uma tradição judaico-cristã só veio a ocorrer no contexto do pós- Segunda Guerra Mundial depois de séculos de negação do judaísmo como religião pelos cristãos, conforme já foi discutido aqui por outros autores.

A despeito da amplitude de temas abordados por Zizek (2015) em sua obra, que não cabem ser tratados aqui, é relevante observar um dos pontos de atenção ressaltados pelo autor acerca da incompatibilidade existente entre a religiosidade oriental e ocidental, mas que acaba sendo camuflada pelo discurso contemporâneo em tornar absoluta uma junção entre tradições díspares, ignorando, portanto, suas contradições.

Diante do referencial teórico aqui estudado, é possível inferir que quando o presidente Jair Bolsonaro afirma que a cultura judaico-cristã é a tradição que molda os valores morais da sociedade brasileira (Palácio do Planalto, 2019), pode haver certa invisibilização da diversidade religiosa e cultural brasileira. Assim, retornando à questão-problema mencionada no início deste artigo, será que o discurso do governo atual possui relações com sua retórica de combate à suposta ameaça comunista trazida ao Brasil pelo governo do PT? É o que pretendemos responder a partir de uma análise de discursos do presidente.

Discursos presidenciais: uma retórica de homogeneização que nega a diversidade?

Durante os cerca de nove minutos do discurso do presidente Jair Bolsonaro realizado na cerimônia de Posse (Palácio do Planalto, 2019) no dia 01 de janeiro de 2019, a palavra Deus foi mencionada seis vezes. Uma das primeiras promessas feitas por ele aos interlocutores foi: “Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e



nossa tradição judaico-cristã [grifo nosso], combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um País livre das amarras ideológicas”⁴.

No mesmo discurso, o presidente salienta novamente o elemento religioso e reforça o seu slogan de campanha, reiterado repetidas vezes no decorrer das eleições de 2018: “Minha campanha eleitoral atendeu ao chamado das ruas e forjou o compromisso de colocar o Brasil acima de tudo e Deus acima de todos [grifo nosso]”.

Até mesmo o termo chamado traz uma dupla representação simbólica, pois pode referir-se ao clamor popular por mudanças no cenário político permeado pelo sentimento antipetista e, ainda, o chamado religioso, que pode remeter à noção de que ele seria um escolhido de Deus e que teria sido eleito presidente porque estaria cumprindo uma convocação divina.

Nesse mesmo dia, o presidente dá continuidade a essa retórica de trazer os elementos religioso e ideológico para a sua fala no discurso de recebimento da faixa presidencial (Palácio do Planalto, 2019), quando a palavra “Deus” foi mencionada mais sete vezes. Nesse discurso, o aspecto ideológico é reforçado na fala de Bolsonaro ao colocar o início de seu governo representando “... o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo, se libertar da inversão de valores”⁵. A partir desse ponto, o termo “ideologia” e suas variantes, como “ideologização” e “viés ideológico”, são repetidos cinco vezes ao longo de seu discurso.

Já no discurso presidencial realizado no encontro com comunidade brasileira de Raanana, em Tel Aviv-Israel (Palácio do Planalto, 2019), no dia 02 de abril de 2019, a palavra Deus foi mencionada oito vezes no período aproximado de nove minutos. Logo no começo de seu discurso, Bolsonaro disse:

*[...] eu sou cristão, acredito em Deus e existe milagre, mas comigo foram milagres, a sobrevivência no primeiro momento, uma eleição contra quase tudo, né, mas tínhamos do nosso lado apenas duas palavrinhas, né, o povo e Deus. E, depois, quando alguns me criticam e falam sobre capacidade, eu vou lá na Bíblia e busco que Deus não escolhe os capacitados e capacita os escolhidos. E formamos um ministério nunca visto na história do Brasil. Com todo o respeito que tenho ao parlamento, onde fiquei por 28 anos, não houve indicação política, nós tínhamos que fazer um Brasil diferente. Nós temos que brigar, Francisco, Soraya, Bia, Flávio, por esse ponto de inflexão que eu acho que nós já encontramos, para dar esperança ao nosso povo. E o que é muito importante, fora do Brasil, outros povos querem cerrar fileiras conosco, e um desses povos é esse, nessa terra santa em que estou, o povo de Israel.*⁶



Esse trecho da fala do presidente é perpassado por diversos elementos do religioso. Inclusive, a retórica marcada pelo discurso de ser o homem que tinha poucas chances de ser eleito, mas que venceu por ser o escolhido Deus – que é aquele que tem o poder para capacitar os seus escolhidos – foi repetida em culto da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, realizado no dia 30 de outubro de 2018, dois dias após a vitória de Jair Bolsonaro no segundo turno das eleições. O pastor Silas Malafaia, preletor desta igreja, fez uma oração dita profética, mas antes ratificou, por meio de passagens bíblicas, que a explicação para a Vitória de um candidato considerado “louco”, de um partido de pouca expressão na arena política e que não se apoiava na imprensa oficial, estava no modo sobrenatural de Deus agir, que escolhe “as coisas loucas para confundir as sábias”, afirmou Malafaia e acrescentou “é por isso que Deus te escolheu”, disse ao Bolsonaro.

Senhor, aqui está Bolsonaro, um cara simples, com defeitos, com limitações..., mas tu és expert em usar coisas que ninguém acredita, pessoas que ninguém dá valor para fazer uma obra extraordinária. Nós não estamos querendo um presidente para governar para um grupo social, nós estamos aqui para um presidente, para mudar a história de uma nação, de um povo, um povo pacífico, um povo alegre, um povo trabalhador, que é o povo brasileiro. Deus! Escuta a nossa oração! Deus! Tem misericórdia do Brasil... esse espírito de mentira, de engano, de corrupção, devastador, de roubalheira, seja repreendido da nossa pátria! Dá sabedoria a esse homem para escolher homens sábios e íntegros para os postos-chave do Brasil. Eu o abençoo no nome de Jesus e declaro com a igreja: O Brasil é do senhor Jesus! (You Tube, 2018)

Na nossa avaliação, os modos de apropriação da retórica religiosa no discurso de governo e do pastor Silas Malafaia podem significar tentativas de delegar ao governo petista elementos pertencentes à esfera do maligno, ou seja, aquilo que deve ser exorcizado, como a corrupção, a ideologia comunista – que foi associada diretamente aos governos de esquerda – e as políticas públicas ligadas à ideologia de gênero, que simbolizam uma afronta aos valores morais da família tradicional.

Voltando ao discurso de Tel Aviv, Jair Bolsonaro busca novamente referências no simbolismo religioso e salienta que o país foi agraciado com mais um milagre:

O Brasil mudou, em grande parte devemos às ações da nossa Polícia Federal e mais um milagre aconteceu. Nos afastamos da ideologia de esquerda cujo ato final era roubar a nossa liberdade. Israel também se aproxima do Brasil, de, além da sua cultura, sua tradição judaico-cristã, se aproxima por esse sentimento forte de democracia e liberdade.⁷



É importante tratar com criticidade quando Bolsonaro diz que o país “se aproxima de Israel” no aspecto cultural, pois pode parecer que o governo israelense é uma nação conservadora, o que não é uma realidade. Embora Israel seja um país, cujos cidadãos são ligados a uma forte tradição religiosa, com ritos e símbolos específicos, o país está muito distante do Brasil no que diz respeito aos direitos para a população LGBT, por exemplo, conforme cartilha divulgada pelo Ministério das Relações Exteriores de Israel⁸. De acordo com o documento, o relacionamento entre pessoas do mesmo era considerado crime no Código Penal israelense, mas o delito foi revogado em 1988 pelo parlamento. Desde então, a legislação do país avançou no que diz respeito aos direitos para homossexuais, o que foi denominado de Revolução Homossexual Israelense⁹.

O presidente também citou a repercussão negativa em decorrência do depoimento dado por ele no dia da votação do Impeachment de Dilma Rousseff¹⁰. Jair Bolsonaro mencionou o seu voto no processo de impedimento para salientar a afirmação de que a sua menção a um torturador poderia repercutir negativamente no seio social, de modo que ele não seria mais capaz de se eleger. Contudo, segundo ele, ocorreu o contrário porque “eram palavras que estavam sedimentadas em João 8:32, a verdade tinha que ser conhecida”. Dessa maneira, ele aciona mais uma vez a esfera religiosa para ratificar que a sua vitória como presidente da república só poderia ser “coisa de Deus”.

O presidente também discursou no almoço com participantes da edição 2019 do Encontro do Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil (CIMEB), no dia 11 de abril de 2019, no qual também esteve presente o pastor Silas Malafaia, da Assembleia de Deus Vitória em Cristo (Palácio do Planalto, 2019).

Em discurso de pouco mais de 10 minutos, o presidente começou elogiando a pregação do pastor John Hagee¹¹ realizada naquele almoço, versando sobre Israel. E aproveitou para contar sobre a sua viagem para Israel no ano anterior, quando teria sido convidado para se batizar nas águas do Rio Jordão, ato realizado pelo Pastor Everaldo. Em seguida, ressaltou seu compromisso com os evangélicos:

[...]. Quando chegou-me a notícia de que Donald Trump havia reconhecido Jerusalém, havia transferido a embaixada dos Estados Unidos para Jerusalém. Tinha no fundo, assim, uma bandeira de Israel. Mandei ver a bandeira e falei que aquilo passaria a ser um compromisso nosso: buscar uma maneira de, efetivamente, também reconhecer. E como disse o Silas Malafaia aqui: quem decide onde é a capital ou não de Israel é o seu povo, é o seu governo, são os seus parlamentares, e assumimos aquele compromisso.¹²



De acordo com Ariel (2013), o forte interesse dos evangélicos norte-americanos na aproximação com os judeus está ligado ao movimento dispensacionalista¹³. Na visão da doutrina judaica, o Messias chegará um dia na Terra para salvar a humanidade e estabelecer um reinado para o povo judeu. Já para a corrente escatológica dispensacionalista, a recusa dos judeus em reconhecer Jesus como o Messias na primeira vinda impediu que o reino de Deus fosse materializado na terra. Na atual era (dispensação), a humanidade vive “o tempo dos gentios”, período em que a Igreja – que reconheceu Jesus como seu salvador – aguarda ser arrebatada antes do início da Grande Tribulação, período que durará sete anos de terror e devastação, quando os judeus terão a oportunidade de aceitar Jesus como seu único senhor. Após esse tempo, ocorrerá a segunda vinda de Cristo na terra, quando será cumprida a profecia bíblica de consolidação de um reino de paz e justiça na terra por mil anos (Ariel, 2013).

A reivindicação de transferência da embaixada de Tel-Aviv para Jerusalém no Brasil ecoa publicamente no discurso do pastor Silas Malafaia, que já chegou a dizer que o apoio da bancada evangélica ao presidente Jair Bolsonaro ocorreu em função de tal promessa de campanha (Exame, 2018). Após a assinatura dos acordos entre Brasil e Israel e a instalação de um escritório comercial em Jerusalém, parlamentares da Frente Parlamentar Evangélica manifestaram publicamente que só ficarão satisfeitos no que diz respeito à aproximação entre os dois países depois que a embaixada brasileira for transferida para Jerusalém (Portinari & Duchide, 2019).

Ainda no almoço com os ministros evangélicos, Bolsonaro comentou e justificou, à luz da bíblia, sua decisão de dar voto contrário a uma resolução sobre violações de direitos humanos de sírios que moram nas colinas de Golã, região que passou a ser território israelense após a Guerra dos Seis Dias com a Síria, em 1967. Além do voto brasileiro, houve mais 15 votos contrários, cinco abstenções e 26 votos favoráveis (Habib, 2019).

[...]. Há poucas semanas, nós não fugimos à tradição nenhuma. Nós passamos a votar, lá na ONU, nas questões dos Direitos Humanos, de acordo com João 8-32. E de acordo com a verdade, então, por coincidência, passamos a votar juntos com Estados Unidos e com Israel, além de outros países, mas a história continua¹⁴.

Já no final de seu discurso, o presidente falou que faltava fé ao país para que pudesse se tornar uma nação como Israel. E acrescentou que tanto ele estar vivo como ter sido eleito presidente pode ser considerado um “milagre”, palavra que foi repetida quatro vezes no decorrer de sua fala. “..., Mas esse milagre eu chamo missão de Deus. E essa



missão, juntamente com os senhores e com o povo de bem do Brasil, nós a cumprimos e o Brasil chegará, sim, a um porto seguro”. A palavra Deus foi mencionada em todo o discurso cinco vezes. No encerramento de sua fala, o presidente afirmou que pediria a capacitação divina e que Deus estivesse sempre com o Brasil para que se possa alcançar o desenvolvimento e o reconhecimento internacional.

Durante a viagem para Israel, o presidente também participou de uma cerimônia de oferta floral, de um evento no Bosque das Nações e de uma cerimônia que celebrou a assinatura de acordos entre os dois países. Em todas essas solenidades, Bolsonaro discursou. No primeiro, a fala do presidente durou apenas 53 segundos, tempo que foi suficiente para a citação do versículo de João 8:32: “E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Palácio do Planalto, 2019). No segundo, o presidente plantou uma muda de Oliveira e, no discurso de pouco mais de três minutos, ele identificou a cultura judaico-cristã como marca de ambos os países.

[...]. Sabemos que a Oliveira é uma planta de simbolismo muito forte no Mediterrâneo. Na bíblia é associada a ideais de paz, de amizade e de abundância. São ideais inseparáveis de nossa tradição judaico-cristã e que devemos promover de modo incansável nas relações entre o Brasil e Israel (Palácio do Planalto, 2019).

No evento de assinatura, o presidente discursou por dois minutos e quinze segundos. Logo no início ressaltou o que, na visão dele, há de comum entre os dois países: “Muitas coisas nos unem, obviamente o que é mais importante, as tradições, a participação do Brasil no reconhecimento do Estado de Israel a bem como a nossa cultura judaico-cristã” (Palácio do Planalto, 2019). Logo em seguida, Bolsonaro afirma que “a condição ideológica” passou a não existir mais no Brasil.

Considerações finais

Diante do referencial teórico aqui estudado e da leitura realizada dos discursos presidenciais aqui propostos, entendemos que a afirmação de uma tradição judaico-cristã como hegemônica no Brasil tende a pasteurizar a diversidade religiosa e cultural, tendo em vista o universo abrangente de religiões que demarca a sociedade brasileira. Ademais, ao observar como a terminologia judaico-cristã foi sendo construída do decurso histórico e ao olhar para os modos como a cultura judaico-cristã é apropriada no discurso do presidente Jair Bolsonaro, acreditamos que tal emprego pode se configurar como um vetor de crítica aos governos anteriores.

Por outro lado, observamos que o discurso presidencial é marcado por uma contradição na medida em que pretende enquadrar em um termo o conjunto amplo de



denominações que compõe o cristianismo. Assim, entendemos que o universo evangélico, que é tão diverso e plural, não deve ser encaixado em um termo que o pasteuriza.

Notas

¹De acordo com a reportagem, tal recorrência tem gerado incômodo em representantes do judaísmo em decorrência da associação que tem sido feita entre Israel e grupos conservadores, ligados a posições de direita. Tal preocupação deu origem à ideia de promover o evento “Política e religião no Brasil e nas Américas: igrejas evangélicas e suas relações com o judaísmo, sionismo, Israel e as comunidades judaicas”, que está previsto para acontecer nos dias 13 a 15 de janeiro de 2020, na universidade de Haifa, em Israel. Mais informações, ver: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,judeus-reclamam-do-uso-de-simbolos-por-bolsonaro,70002981346>.

²Em abril de 2019, o presidente Jair Bolsonaro ordenou que uma peça publicitária do Banco do Brasil voltada ao público jovem, na qual eram exibidas imagens de uma mulher negra com cabeça raspada, um jovem no salão de beleza e outro com cabelo pintado de rosa, falando gírias e expressões populares, fosse retirada do ar (Mazui, 2019). Segundo a reportagem, o presidente justificou que sua atitude defendia “... a maioria da população brasileira, seus comportamentos, sua tradição judaico-cristã”. No final de julho de 2019, Bolsonaro fez um vídeo em seu perfil no Facebook dizendo que pretendia extinguir a Agência Nacional de Cinema (Ancine) tendo em vista que filmes que iam de encontro aos valores da família estavam sendo produzidos com dinheiro público, como foi o caso do longa metragem *Bruna Surfistinha*, de 2011 (Vilela, 2019). Dias depois, quando participava da inauguração de obras de duplicação da BR 116, o presidente reiterou em sua fala o seu posicionamento de preservar os valores judaico-cristãos: “... não admitiremos que a Ancine faça peças ditas culturais que vão contra os interesses na nossa tradição judaico-cristã” (Uol Notícias, 2019). No dia 12 de agosto, uma subsidiária do Banco do Brasil publicou um edital para financiamento de filmes, cujo formulário de inscrição questionava se haveria exibição de cenas de nudez e se a película teria “cunho religioso ou político” (Veja, 2019).

³Ver Harvey (2016).

⁴Este discurso pode ser acessado na íntegra no site: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jairbolsonaro-durante-cerimonia-de-posse-no-congresso-nacional>.



⁵Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-recebimento-da-faixa-presidencial>.

⁶Disponível em: <http://legado.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-no-encontro-com-comunidade-brasileira-de-raanana-tel-aviv-israel>.

⁷Disponível em: <http://legado.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-no-encontro-com-comunidade-brasileira-de-raanana-tel-aviv-israel>.

⁸⁰ documento está disponível em: https://embassies.gov.il/brasil/AboutTheEmbassy/Artigos_e_publicacoes/Documents/Direitos%20dos%20Homossexuais%20em%20Israel.pdf.

⁹Há um contraponto relevante com relação ao fato de que a política progressista israelense com relação aos homossexuais estaria sendo utilizada como forma de manutenção da guerra contra os muçulmanos, fenômeno chamado de homonacionalismo (Puar, 2017). Segundo o autor, a homofobia de governos muçulmanos é usada como pretexto pelo governo americano para invasões ao território do Irã, assim como o incentivo do turismo de homossexuais a Israel, em função de sua legislação pró- LGBT, é utilizado como cortina de fumaça para esconder o genocídio provocado pelos conflitos entre os governos palestino e israelense.

¹⁰No decorrer da votação do impeachment de Dilma Rousseff, Bolsonaro homenageou o coronel Brilhante Ustra, que foi reconhecido pela Comissão Nacional da Verdade como um militar torturador e responsável pelo desaparecimento de muitos brasileiros, perseguidos no período da Ditadura Militar. Por ter considerado o depoimento uma forma de apologia à tortura, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) declarou à imprensa, na época, que iria recorrer ao STF para solicitar a cassação do mandado de deputado federal de Jair Bolsonaro (Barba & Wentzel, 2016).

¹¹É um pastor pentecostal norte-americano, fundador da igreja Cornerstone, no Texas, e do Hagee Ministries, ministério que já doou mais de 100 milhões de dólares para questões humanitárias israelenses (Hagee Ministries, s.d.).

¹²Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-almoco-com-participantes-da-edicao-2019-do-encontro-do-conselho-interdenominacional-de-ministros-evangelicos-do-brasil-cimeb>.



¹³Ariel (2013) afirma que o dispensacionalismo surgiu nos Estados Unidos no século XIX, mas é uma corrente originária do Reino Unido, consolidada nesse país por John Nelson Darby e o grupo liderado por ele, o Plymouth-Brethren, nos anos de 1820 a 1930. Segundo o autor, o dispensacionalismo é uma variação do pré-milenismo, outra escola escatológica. Embora ambas propaguem a ideia de uma segunda vinda de Cristo, elas possuem algumas diferenças que não cabem ser discutidas nos limites deste artigo.

¹⁴Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-almoco-com-participantes-da-edicao-2019-do-encontro-do-conselho-interdenominacional-de-ministros-evangelicos-do-brasil-cimeb>.

Referências

Palácio do Planalto. (01 de janeiro de 2019). Discurso do presidente da República Jair Bolsonaro durante cerimônia de posse no Congresso Nacional. Brasília, DF, Brasil.

Fonte: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-posse-no-congresso-nacional>

Ariel, Y. (2013). *An Unusual Relationship: Evangelical-Christians and Jews*. New York: New York University Press.

Barba, M. D., & Wentzel, M. (20 de abril de 2016). Discurso de Bolsonaro deixa ativistas 'estarecidos' e leva OAB a pedir sua cassação. BBC. Acesso em 20 de novembro de 2019, disponível em

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_o_ab_mdb

Carneiro, J. D. (01 de abril de 2019). Malafaia garante que Bolsonaro mudará embaixada em Israel: 'Vai ter que ser macho, e acho que ele é'. BBC News Brasil.

Cohen, A. A. (novembro de 1969). *The Myth of the Judeo-Christian Tradition*.

Commentary. Acesso em 03 de setembro de 2019, disponível em <https://www.commentarymagazine.com/articles/the-myth-of-the-judeo-christian-tradition/>

Exame. (30 de dezembro de 2018). Malafaia: agenda pró-Israel assegura apoio de evangélicos a Bolsonaro. Exame. Acesso em 20 de agosto de 2019, disponível em <https://exame.abril.com.br/brasil/malafaia-agenda-pro-israel-assegura-apoio-de-evangelicos-a-bolsonaro/>



Habib, M. (28 de janeiro de 2019). Bolsonaro e Trump na questão de Jerusalém. Instituto da Cultura Árabe. Acesso em 15 de abril de 2019, disponível em <https://icarabe.org/node/3527>

Hagee Ministries. (s.d.). <https://www.jhm.org/WhoWeAre>. Acesso em 25 de novembro de 2019, disponível em Hagee Ministries: <https://www.jhm.org/WhoWeAre>

Harvey, W. Z. (2016). The Judeo-Christian Tradition's Five Others. Em N. E. (Eds.), *Is there a Judeo-Christian Tradition? A European Perspective* (pp. 211-224). Berlin; Boston: De Gruyter. Acesso em 22 de outubro de 2019, disponível em www.jstor.org/stable/j.ctvbkk0mv.14

Kalmar, I. (2016). Jews, Cousins of Arabs: Orientalism, Race, Nation, And Pan- Nation in The Long Nineteenth Century. Em N. E. (Eds.), *Is there a Judeo- Christian Tradition? A European Perspective* (pp. 53-74). Berlin; Boston: De Gruyter. Acesso em 10 de outubro de 2019, disponível em www.jstor.org/stable/j.ctvbkk0mv.7

Kluveld, A. (2016). Secular, Superior and, Desperately Searching for Its Soul: The Confusing Political-Cultural References to a Judeo-Christian Europe in the Twenty-First Century. Em N. E. (Eds.), *Is there a Judeo-Christian Tradition? A European Perspective* (pp. 241-266). Berlin; Boston: De Gruyter. Acesso em 18 de outubro de 2019, disponível em www.jstor.org/stable/j.ctvbkk0mv.16

Mazui, G. (27 de abril de 2019). 'Não queremos que dinheiro público seja usado dessa maneira', diz Bolsonaro sobre propaganda do BB retirada do ar. G1. Acesso em 10 de agosto de 2019, disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/04/27/nao-queremos-que-dinheiro-publico-seja-usado-dessa-maneira-diz-bolsonaro-sobre-propaganda-da-do-bb-retirada-do-ar.ghtml>

Ministério das Relações Exteriores de Israel. (S.d.). Direitos homossexuais em Israel. Acesso em 25 de novembro de 2019 de 2019, disponível em https://embassies.gov.il/brasil/AboutTheEmbassy/Artigos_e_publicacoes/Documents/Direitos%20dos%20Homossexuais%20em%20Israel.pdf

Moyaert, M. (2016). Christianizing Judaism? On the Problem of Christian Seder Meals. Em N. E. (Eds.), *Is there a Judeo-Christian Tradition? A European Perspective* (pp. 137-164). Berlin; Boston: De Gruyter. Acesso em 15 de outubro de 2019, disponível em www.jstor.org/stable/j.ctvbkk0mv.11

Palácio do Planalto. (01 de janeiro de 2019). Discurso do presidente da República Jair Bolsonaro durante cerimônia de recebimento da faixa presidencial.



Brasília, DF, Brasil. Fonte: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-cerimonia-de-recebimento-da-faixa-presidencial>

Palácio do Planalto. (11 de abril de 2019). Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante almoço com participantes da edição 2019 do Encontro do Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil (CIMEB).

Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Fonte: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-almoço-o-com-participantes-da-edicao-2019-do-encontro-do-conselho-interdenominacional-de-ministros-evangelicos-do-brasil-cimeb>

Palácio do Planalto. (31 de março de 2019). Discurso do presidente da República, Jair Bolsonaro, na assinatura de acordos entre Brasil e Israel - Jerusalém/Israel. Jerusalém, Israel. Fonte: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discorso-apos-assinatura-dos-acordos-entre-brasil-e-israel>

Palácio do Planalto. (02 de abril de 2019). Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, no encontro com comunidade brasileira de Raanana - Tel Aviv/Israel. Tel Aviv, Israel. Fonte: <http://legado.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-no-encontro-com-comunidade-brasileira-de-raanana-tel-aviv-israel>

Palácio do Planalto. (02 de abril de 2019). Palavras do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na Cerimônia de oferenda floral -Tel Aviv/Israel. Tel Aviv, Israel. Fonte: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/palavras-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cerimonia-de-oferenda-floral-tel-aviv-israel>

Portinari, N., & Duchiade, A. (01 de abril de 2019). Deputados evangélicos não se satisfazem com escritório e insistem em transferência de embaixada para Jerusalém. O Globo. Acesso em 25 de novembro de 2019, disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/deputados-evangelicos-nao-se-satisfazem-com-escritorio-insistem-em-transferencia-de-embaixada-para-jerusalem-23564898>

Puar, J. K. (2017). Preface. In J. K. Puar, *Terristas semblages* (pp. 16-39). Durham: Duke University Press. Retrieved novembro 25, 2019, from file:///C:/Users/DELL/Documents/ALAS%202019/Artigo%20Religião%20e%20Política/artigo%20homonacionalismo.pdf

Schreiber, M. (09 de janeiro de 2019). Como o apoio evangélico ajudou a aproximar Israel e governo Bolsonaro. BBC News Brasil.

AS%202019/Artigo%20Religião%20e%20Política/artigo%20homonacionalismo.pdf



Shalom, D. (08 de setembro de 2014). Rabinos criticam uso de símbolos judaicos no Templo de Salomão. IG Último Segundo. Acesso em 23 de novembro de 2019, disponível em <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2014-09-08/rabinos-criticam-uso-de-simbolos-judaicos-no-templo-de-salomao.html>

Topel, M. F. (2011). A inusitada incorporação do judaísmo em vertentes cristãs brasileiras: algumas reflexões. Revista Brasileira de História das Religiões, 35-50. Acesso em 02 de novembro de 2019, disponível em https://www.researchgate.net/publication/267691105_A_INUSITADA_INCORPORACAO_DO_JUDAISMO_EM_VERTENTES_CRISTAS_BRASILEIRAS_ALGUMAS_REFLEXOES

Topolski, E. N. (2016). The Myth of a Judeo-Christian Tradition: Introducing a European Perspective. In E. N. (Eds), Is there a Judeo-Christian Tradition? A European Perspective (p. 295). De Gruyter. Retrieved outubro 12, 2019, from <https://www.jstor.org/stable/j.ctvbkk0mv.4>

Uol Notícias. (12 de agosto de 2019). "Nós não censuramos ninguém, mas não admitiremos que a Ancine faça peças ditas culturais que vão contra os interesses na nossa tradição judaico-cristã", diz Bolsonaro. Fonte: <https://twitter.com/uolnoticias/status/1160965186146189312>

Veja. (13 de agosto de 2019). <https://veja.abril.com.br/entretenimento/serao-exibidas-cenas-de-nudez-pergunta-edital-do-bb-para-filmes/>. Veja. Acesso em 05 de setembro de 2019, disponível em <https://veja.abril.com.br/entretenimento/serao-exibidas-cenas-de-nudez-pergunta-edital-do-bb-para-filmes/>

Venceslau, P., & Galhardo, R. (25 de agosto de 2019). Judeus reclamam do uso de símbolos por Bolsonaro. O Estado de São Paulo. Acesso em 30 de agosto de 2019, disponível em <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,judeus-reclamam-do-uso-de-simbolos-por-bolsonaro,70002981346>

Vilela, P. R. (27 de julho de 2019). Em live, Bolsonaro diz que pretende extinguir a Ancine. Agência Brasil. Acesso em 05 de setembro de 2019, disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-07/em-live-bolsonaro-diz-que-pretende-extinguir-a-ancine>

You tube. (30 de outubro de 2018). Video, em um culto, Silas Malafaia ora com Bolsonaro e repete essa frase bíblica. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=y2nZ1HDT450>

Zizek, S. (2015). O absoluto frágil. São Paulo: Boitempo.